

NARA VIDAL

SORTE

AMOSTRA



Rio de Janeiro, 2024

CAPÍTULO 1

Irlanda, 1806

Sabíamos lá em casa que aquela chuva, a enchente, os móveis arruinados, os ratos que subiam do porão para escapar do afogamento, aquilo era tudo castigo de Deus. A nossa pobreza também era punição do Senhor. Concordamos desde cedo que abrir os olhos e atravessar horas infelizes até fechar as pálpebras de novo era a nossa maior sorte.

A Martha, com aquelas mãos esquisitas voando como se ouvisse música, batia os pés e ria. Não era gargalhada. Era riso. Um riso nervoso. As costas pra mim. Nem percebeu que fiquei parada atrás daquele corpo fino e elegante. Estiquei os olhos para ver o riso dela. Dentro da bacia velha do quintal, cheia de água da chuva, uma ratazana morria.

Preso ao horror do espetáculo, assisti à cena inteira. Os olhos feios do bicho começando a esbugalhar, de certo já inchados pela carne tomada pela imundície da água. Debatia-se incessantemente. A ratazana revirava-se só para, em seguida, virar de novo, buscando um sopro de ar já escasso. Os

pés e as patas fizeram meus joelhos tremerem. Agitavam-se desafiando a morte que ria dela, feito a Martha da janela.

Primeiro caiu o rabo, cansado da luta. Túrgida, roliça, a ratazana parecia estourar. A pele da barriga brilhava de tão esticada. Dentro dela, vivia a morte.

AMOSTRA

CAPÍTULO 2

Os gritos pela casa, quase diariamente, eram a sua admiração pelos conflitos napoleônicos. O pai sempre frustrado, já que a agitação nunca chegou na Irlanda. “Nem a guerra quer este país.” Bradava com revolta e esperanças de outro horizonte.

Qualquer um. “Até Brasil, a ilha movediça, é melhor que isso aqui. Não fosse minha perna, pegava vocês e ia pra Brasil, a ilha da fantasia.”

A apreciação do pai por coisas militares era um disparate pontuado por nuances duras e toscas que caíam nele como uma luva. Um homem que conheceu a miséria de recursos e de emoção, veio seguindo sua vida aos tropeços. Cresceu numa Irlanda cinza e devastada pela fome, pela praga e pela sua colcha de retalhos feita de batalhas em nome de Deus e seu filho, Jesus Cristo. “A única guerra que pode honrar um homem é aquela em nome de Deus.” Assim era aquele homem sisudo dentro da nossa casa. Reprendia-nos ao menor sinal de alegria. Mudou-se de Clare para Cork aos dezesseis anos. Rapaz franzino, corria de estômago sempre vazio. Encontrou outra fome, maior ainda, uma secura que

sofreram as batatas com um gelo que não deixava a gente em paz. Nunca saiu daqui de casa, a não ser quando precisou amputar a perna direita que lhe comia feito cupim estraçalhando a matéria disponível pela frente. A operação foi em Dublin. Tinha vinte e oito anos, muita amargura e metade dos filhos que teve. Num determinado momento fomos seis. Quatro de nós, desgraçadamente, mulheres. Encarceradas na cegueira e costumes frios, cercavam-nos família e igreja. Na véspera de rumar para Dublin, o pai vestiu sua roupa de casamento. Posicionou-se no meio da sala. Disse pra mãe se lembrar da sua autoridade mesmo que voltasse amanhã sem uma perna. Tinha orgulho, mas tinha tifo. Eu tinha cinco anos ao ver a cena do alto da escada, o pai me pareceu grande. Errei.

CAPÍTULO 3

Sacolejando na carroça até Dublin, a mãe segurava a mão do homem da sua vida. Por escolha, por amor. As mãos tremiam menos pelos buracos do caminho, mais pelo choro sufocado no peito dela. Um pranto entupido feito a veia tifosa de gangrena que clamou a perna inteira do Sr. Cunningham.

Na partida, fiquei na sala com Martha, que com seis anos ainda não sabia contar. Seguiu assim a minha irmã, sempre à margem. Sentia muita pena da Martha. Meu pai sentia vergonha, e minha mãe, por sorte da menina, sentiu amor. A coitada era alvo de riso e piada na rua. Era convidada a brincar de zerinho ou um. Os meninos riam dos números tortos e de vento que minha irmã anunciava. Criou ambição de perder só para sair da brincadeira. Doía diariamente na função social e cruel que é a infância e ninguém se importava com aquele tormento.

Mary tinha dois anos e esgoelava no colo da senhora Betty White, uma matrona severa e católica que morava a duas casas da nossa. Ao lado esquerdo, os protestantes Mahoney. O pai tinha um ódio impressionante pela família também irlandesa. As ordens expressas e fervorosamente

católicas do pai nos proibiam de cumprimentá-los. “Uma família que questiona a palavra de Deus não merece o chão que pisa.” Todo santo dia, no jantar, o pai disseminava seu ódio pelos vizinhos com a mesma frase.

Importava-se imensamente com eles a ponto de odiar.

O pai voltou de Dublin sem complicações e sem a perna direita, conforme imaginávamos. Como se possível, ficou ainda mais amargo e começou a gritar mais, para pôr ordem na casa, já que seu corpo começou a conhecer limites. Nunca cogitou uma conversa com os filhos. Em nós, era o medo dele que nos fazia abalados. O medo de punição ou da tortura de ver a mãe sem saída, concordar com tirania do homem do qual, ainda assim, gostava. O pai fazia filhos na mãe até uma hora sair dela um homem. “Martha, Margareth, Mary e outro na barriga. Deus há de nos conceder sua graça e encher essa casa com um homem.” O pai não escondia a predileção por um filho. Não sentia particular interesse dele por mim e nem por Martha ou Mary. Éramos uma tentativa, um erro, uma rasura, algo a ser refeito, refinado, melhorado até sair um filho. Mamãe trouxe Monica à vida numa madrugada chuvosa e fria de novembro. O pai, que esperava o filho nascer enquanto bebia whisky na beira do rio, voltou para casa, despejando na mãe uma coleção de insultos. A Monica era uma vergonha para ele. Mais uma mulher na família. Quem iria trabalhar, ganhar algum dinheiro? Estávamos todas desgraçadas pela pobreza e condição feminina. Só um homem salvaria a nossa miséria. Ou como se provou, plantaria a miséria em mim até o fim de tudo que nunca veio.

CAPÍTULO 4

O pai e a mãe conseguiram se amar mesmo com tanta ofensa e tanta miséria. Fizeram mais dois filhos. Depois que James nasceu, menos de um ano depois da Monica, o pai só não deu uma festa porque não tínhamos o que comer. Foi a única vez que o vi chorar de rir. Recebeu os amigos em casa. Beberam whisky e gin até caírem pela sala onde dormia metade de nós. A alegria e satisfação do pai duraram depois do nascimento de James. Não deixou a mãe em paz e, ainda no resguardo, mamãe engravidou do Daniel. A diferença entre James e Daniel era pouca. Chegavam a ter a mesma idade em certo mês. Na chegada de Daniel, mamãe sofreu complicações e foi para Dublin cuidar da sua saúde tão deteriorada. Ficou conosco a senhora Betty White. Aos dez anos, com a mãe no hospital recompondo-se da insistência do meu pai, via a senhora Betty fazer o nosso almoço enquanto meu pai perdia sua mão entre as pernas dela, debaixo dos vestidos de tecido pobre que usava, fizesse frio ou não.

Com a volta da mãe para casa, recuperada, foi a vez de trabalhar para pagar as bocas que meu pai insistiu tanto em ter em casa. Sem uma perna e bêbado cada dia mais cedo, o

pai virou um encosto. A mãe limpava as salas de enfermarias, sonhando que um dia James e Daniel pudessem frequentá-las como médicos. Os conflitos pela Emancipação Católica se acirravam. As pessoas se feriam por Deus. Os protestantes ficavam cada vez mais ricos com tanta indústria chegando na Inglaterra, enquanto nós, católicos, rejeitávamos qualquer coisa que fosse anglicana, especialmente o protesto deles contra a palavra de Deus.

A senhora Betty frequentava nossa casa cada vez mais, vigiando os menores e dando prazer ao pai, sem querer nada em troca. Dava para ele, diariamente, abrigo para as mãos velhas, grossas e indecentes. A mãe nunca se incomodou com a caridade da senhora Betty. Sabia que antes nela que em nós.

Quando o pai se descontrolava, gritava com a mãe e ela empurrava a cadeira dele até o quarto. Não tínhamos portas. Tínhamos cortinas. Mamãe teimava na tentativa de trazer cores para a casa cinza. Cada cômodo variava cortinas de acordo com as estações. No inverno, trazia cores e flores que nos lembrassem o verão. No verão, trazia a calma, o azul, os cremes. As cores e a exuberância já gritavam lá fora por canteiros e paredes invadidas por trepadeiras. Não precisávamos de tanta cor. Alegria demais gasta, dizia ela. Ela tinha um contentamento que se equilibrava com a temperança. Uma calma e um bom senso que o pai via como fraqueza de espírito. Lembro-me da mãe fechando as cortinas listradas de azul-celeste, do seu quarto, num dia de muito calor e sol por toda a região de Munster. O pai pedia abrigo para as suas vontades. A mãe dava.

CAPÍTULO 5

Depois do nascimento do Daniel e das vindas frequentes da senhora Betty, a mãe parecia ir largando o amor pelo pai pelo caminho. Ele, por sua vez, não amolecia. Amargurado, sisudo, gostava de tudo que fosse feito de não. Aos olhos daquela carranca do pai, eu queria ser feita de outro lugar. Imaginava sol, olhava pro céu.

“Hy-Brasil é uma ilha movediça. Aparece de sete em sete anos e, por isso, infinitamente.” Era a história favorita da Martha, e a mãe recontava sem parar toda noite pra menina esquisita ir dormir mais calma.

— Os Celtas que moravam deste lado de terra menos firme que a terra do continente, exploravam o mundo a barco. O vento, o frio, a neblina encobriam os lugares que, eles imaginavam, a fé e a esperança esclareceriam. Uma ilha pequena, mas no meio do caminho das expedições, era a Hy-Brasil. O local da ilha era o mais nebuloso, de mais difícil acesso. Muitos barcos bateram na ponta de ferro da ilha e estouraram, morrendo em naufrágios milhares de homens. A ponta de ferro nunca era possível de se ver porque tinha a cor de chumbo que o mar do Norte tem. A fumaça que

cobria a massa de terra só se movia a cada sete anos. Quem conseguisse chegar lá, em sete dias era engolido pela areia da ilha que virava um monstro faminto e desgraçado que, a cada engolida, acabava gerando outro dentro dele. Até nascer o próximo monstro eram sete anos. Brasil nunca deixou de ser uma fantasia. Mas, estranhamente, quem conseguisse chegar, driblar a ponta de ferro e pisar na ilha que guardava a mais gigantesca das esmeraldas, e, depois de morto, percebia-se em algum filho ou filha, os olhos enfeitiçados: um olho verde feito à pedra, o outro cinza feito o mar do Norte. E se a pessoa tivesse olhos castanhos, pretos ou azuis, eles trocavam de cor por causa do pai que morreu na ilha Brasil. A única forma de saber que Hy-Brasil ainda existe e que exploradores ainda conseguem chegar lá, no ponto que aparece tão rápido e, raramente, é encontrar alguém com olhos enfeitiçados.

Martha ouvia essa história toda noite e antes de ir dormir queria saber se os olhos dela já tinham duas cores. Eram da cor do outono. Brilhavam feito sua estranheza, sua inadequação.

Quando chegou a manhã, não tínhamos terminado o chá, uma batida na porta indicava encomenda. Notícia fresca se espalhava pela casa. Não eram oito da manhã quando o pai chorou de felicidade amassando o conteúdo do que lhe era informado. Chamou a família pra perto dele e anunciou:

— Vamos para uma terra quente e cheia de esperança. Atravessamos quarenta e cinco dias num navio e saímos dessa fome, desse fim de mundo. Precisam de famílias para trabalhar de colonos. Daniel e James podem começar o negócio. A terra chama-se Brasil.

AMOSTRA

CAPÍTULO 6

Nunca mais vi um dia de sol como aquele. Cheguei a gravar a data. Repetia o número do dia quase que de minuto em minuto, na tentativa de me convencer da felicidade daquela hora. Sair de Cork, da Irlanda, da Europa era, enfim, ir embora.

A mãe, a contragosto, acompanhou o pai. Disse que ia sentir falta de fazer geleias, que nas terras novas não dava morango e nem framboesa que prestassem. Disse que sem a senhora White não ia dar conta de olhar o pai. Disse que lugar quente feito Brasil derretia o juízo dos outros, da gente. Que do único Brasil que sabia era um que não existia. Era feito de mentira como o da história da Martha.

Nossa bagagem eram duas malas, um baú, a cadeira do pai, as revistas da Martha, os terços, a Bíblia e toda a nossa decência.

No porto de Queenstown, a fila era longa antes mesmo de chegar ao controle de imigração. Famílias inteiras feito a nossa, crianças, velhos, mulheres, homens. Maços do rosto tão altas e rostos fundos avisavam que a fome era maior que o patriotismo. Padres, freiras e missionários davam às famílias a tranquilidade de saber que estavam sob a guarda de Deus.

Os sapatos das meninas mostravam que cresciam-lhe os pés com uma rapidez indigna. Meus sapatos de vinte e quatro anos encolhiam meus dedos desde os dezesseis. James e Daniel ganharam sapatos novos, de couro e de brilho. Usavam até cinto. Eu, a mãe e as meninas éramos en-roladas em mantas, cachecóis, coisas que queríamos deixar pra trás feito a fome na Irlanda.

— No Brasil, tudo isso será inútil. Sua mãe pode costurar um vestido de algodão pra cada enquanto o tempo passa nessa travessia. Comprei tecido de presente.

Era o que merecíamos. Pros meninos, sapatos e cintos de couro. Pra nós, retalhos de pano fino e estampas vulgares. Aportaríamos no Brasil já pobres.

Martha foi a primeira a escolher o tecido. Não podia ser contrariada. Mary e Monica escolheram depois de mim. O vestido mais bonito foi o da Martha. Foi também o primeiro a ser costurado. A menina esquisita rodopiava em volta da saia feito um cachorro que procura o rabo pra morder. As gargalhadas eram as mesmas descontroladas do dia em que viu a ratazana morrer afogada. A mãe pediu que eu tomasse conta da Martha. Dava um trabalho grande e a mãe andava tonta, suando frio. O temperamento imprevisível, as vontades, os gritos e as gargalhadas da minha irmã chamavam a atenção no navio. Suportava cada vez menos aquela doida. Se ela quisesse experimentar um abraço do Atlântico, não ia ser eu a contrariá-la. Mas Martha só era desequilibrada quando necessário. Enlouquecia pelo melhor vestido, mas não criava coragem o suficiente para se jogar no mar.

James e Daniel passaram a viagem rindo das nossas roupas. De certo que não eram adequadas. Riam de roncar com o bafo de sherry e cidra às dez da manhã. Diziam o quão ridículas estávamos, que estava na cara que éramos pobres tentando parecer ricas. Que éramos um desastre, cafonas de bochechas e cabelos vermelhos. Diziam isso enquanto mal se sustentavam em pé pelos belos sapatos de couro que portavam. Eles tinham razão.

AMOSTRA